

Variações Domesticadas do Trágico

Roberto Sávio Rosa¹

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: Este ensaio objetiva demonstrar algumas incongruências interpretativas com relação ao recebimento da herança trágica. O percurso apresenta uma série de interrogações acerca da incompatibilidade entre trágico, culpa e vicissitudes mundanas. O argumento desenvolvido suspeita da metamorfose orquestrada a partir das interpretações redentoras responsáveis por divulgar a mensagem de ordenamento do mundo. Indica ainda, ao contrário do que pregam as religiões morais, que a potência trágica reside no acesso a um saber específico, diverso daquele conhecimento arquivista e catalogador (domesticado) a respeito dos entes em geral. Enquanto modo de afrontar o desafio sugerimos a hipótese que a tragédia não faz alusão à punição de um contraventor (de pecador necessitado de remissão), mas alusão à condição humana em geral.

Palavras-chave: Tragédia – Trágico – Banalidade – Domesticação - Melhoramento

Abstract: This paper aims to tackle some interpretative inconsistencies regarding the reception of the tragic legacy. The work presents a series of questions about the incompatibility between tragedy, guilt and worldly vicissitudes. The main argument raises suspicion on the metamorphosis orchestrated from redeeming interpretations responsible for spreading the message of a world order. It also indicates, contrary to what moral religions preach, that the tragic power lies in the access to specific knowledge, different from that archival and cataloguing (domesticated) scholarship about beings in general. As a way to meet the challenge, we suggest the hypothesis that tragedy does not allude to the punishment of an offender (a sinner in need of forgiveness), but refers to the human condition in general.

Keywords: Tragedy - Tragic - Commonplace - Domestication - Improvement

¹ Professor de Filosofia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA)

Em resposta a curiosidade palpitante do homem simples e insatisfeito, habitante de um pequeno vilarejo as margens do mediterrâneo (Mario Ruoppolo), que exigiu inocentemente o sentido explícito de alguns versos poéticos o personagem de Pablo Neruda, em *O carteiro e o poeta* (1994) ² sentencia: “aquilo que se encontra enunciado em versos, somente pode ser exteriorizado e exposto em versos. Explanar de outro modo significa banalizar”!

Ao homem incompreensível, que em busca de respostas para o desencanto com o mundo encontrara a beleza, um enigma se resolvera. Tanto o entorno avassalador quanto a condição humana parecem participar do jogo metafórico no qual prepondera, enquanto sortilégio primordial, o balbuciar criativo. Ao modo expressivo decorrente desenvolvido para sujeitar ao controle e ampliar o domínio das cercanias do possível, segundo a perspectiva aqui sugerida, teria recaído a introdução de um suposto real contraposto à adução do fantástico.

Em princípio, a manifestação criativa das narrativas não procurava estabelecer distinção entre um e outro e tampouco se preocupava com critérios que sugerissem o vínculo. Real e fantástico estavam um só. Inclusive, ousamos sugerir, que as alusões extraordinárias transmitidas estiveram “realidades” dispostas a partir do recurso introduzido e desenvolvido do dizer. Tal recurso, sob a cortina da fábula, transfigurava o real em fantasia e o extraordinário, por sua vez, instaurava o real amparado na narrativa. Somente se pode falar de um e outro, de real e fantástico, no momento em que a expressão carente de força solicitou auxílio à demonstração. Apesar da confusão parece que um saber oriundo do processo criativo permaneceu. O mesmo estaria referência para toda e qualquer investigação acerca do fenômeno do trágico pelo fato de congrega a consecução representativa da excelência entre forma e conteúdo, pela primeira vez, na tragédia. Foi somente por um breve período, mas o vigor empregado na representação dos liames inconvenientes da condição humana repercute ainda. Na tentativa de dissuadir e de sobrepujar tal saber instituiu-se um modo outro de referi-lo. Inaugura-se com isso o triste percurso da justificação, que por sua vez traz consigo a triste história da banalização e domesticação do trágico.

Antes de dar prosseguimento à argumentação faz-se necessário transparecer a maneira como a expressão banal será empregada. Banalizar, no sentido aqui exposto, é exaurir a força

² Consoante o Filme: *Il Postino*, em português, *O carteiro e o poeta*. Um filme de Massimo Troisi, Michael Radford. Com Philippe Noiret, Renato Scarpa, Maria Grazia Cucinotta, Massimo Troisi. 1994.

de um saber neutralizando-o. É atribuir significação ordinária a um saber velando certas propriedades. Banalizar significa integrar um saber a determinado costume utilizando critérios alheios ao seu convívio retirando qualquer expressão própria. Banalizar é dissipar o manto enigmático que nos enreda.

A designação de banal não deseja insinuar, somente, superficialidade ou limitação. Muito menos sugerir que as justificações formuladas a partir de mergulhos abissais carecem de originalidade ou que foram vulgarizadas. Pelo contrário! O problema do trágico, em função da quantidade de caminhos suscitados (pesquisas, ilustrações, representações etc.), sofreu um exame atento de diligentes em todas as áreas do “saber” (literatura, cênicas, pintura, poesia, cinema, filosofia) e está capaz de contrastar, em muito, com o mísero acervo de conjecturas que será exteriorizado neste ensaio.

Não obstante uma atenção acurada as indicações apresentadas no decorrer do texto poderão confirmar a condição de trivialidade e insignificância, visto estar em linguagem conceitual, propícias ao entendimento, portanto banalizadas. Neste sentido, somos da opinião, que também este conjunto de interrogações sugeridas poderá facultar a compreensão do trágico enquanto situação comum.

O simples fato de devotar atenção à malha interpretativa que reveste o problema do trágico já implica ansiedade demasiada pelo esclarecimento, o que pressuporia a meditação calculante. O mesmo receio comparece recorrente nas demais formas discursivas, a saber, nas diversas áreas de conhecimento que entrelaçam e perpassam o problema do trágico, tais como, a justificação psicológica do trágico, a jurídica, a social, a estética e a filosófica.

A impressão é que na quantidade excessiva de pronunciamentos e descrições (justificações discursivas), resida tanto à banalidade quanto o distanciamento que a aporia humana concentra. Certa apreensão de trágico a partir de características submetidas ao domínio do entendimento, que tende a favorecer e auxiliar o gregário errante no pedregoso percurso existencial. O mais trágico dos trágicos parece estar³, então, o trágico conceituado e restituído

³ A utilização do verbo estar (muitas vezes empregado no lugar em que comumente se deveria empregar o verbo ser) comparece recorrente e propositadamente nesta exposição. Ao leitor desavisado poderia significar emprego errôneo. Para que não haja dúvida com relação ao seu emprego manterei a particularidade do uso, sempre que achar necessário, em *itálico* favorecendo a compreensão no sentido de condição / disposição.

minuciosamente. Travestido reaparecerá convertido tomando-se benévolo, oportuno e adequado.

Pelos motivos expostos, tudo leva a crer que a enunciação, a explanação e a ilustração cumpriram a função de aliciadores do evidente, justamente em função do fascínio que suscitou e implicou todo falatório a favor do discernimento (real). O discurso acerca do trágico tornou-se trivial, no sentido aqui aludido, porque acabou envolvido e absorvido, cada vez mais, pela melodia das palavras, pelo agradável de ouvir. As palavras, neste sentido, cumpriram a função de acenar e disponibilizar certa contravenção burlesca.

O discurso trajou-se de indumentária diversa e o trágico das muitas vestes parece ter se metamorfoseado em hábito, confortável e conveniente, para o convívio social. Uma vez ajustado deixa de suscitar espanto e assombro. Agora seu encantamento reside apenas na curiosidade acadêmica especulativa. O trágico esmiuçado se empenha na difusão teleológica de que a congregação entre a beleza, o terror e o surpreendente, somente faz parte das tramas e enredos espetaculares e romanescos, mas não da vida de carne e osso! O trágico estruturado, banalizado e domesticado, tornou-se então divertimento, argumentação teórica, excentricidade. Mas como descrever o itinerário do temerário em direção ao habitual sem incorrer neste equívoco? O objetivo desta exposição é correr o risco de dizer, que a domesticação paulatina e gradual esteve responsável pela banalização do fenômeno do trágico. Por domesticação compreendemos a tentativa de demonstrar conceitualmente o que vem a ser essa inefabilidade ocasional. Domesticar seria condicionar às malhas da sintaxe o caráter do indescritível!

Mas, com qual objetivo? O objetivo da domesticação concentrou esforços na intensificação prolixa da ruminação discursiva, a fim de criar condições de esvaziamento do hóspede inquietante e indesejado. Ao intensificar esforços condicionados às ilustrações especulativas, portanto, ao fio condutor da história do problema e do conceito adaptou-se determinado entrave ao propósito das premissas estabelecidas. Neste sentido pavimentou-se a ideia de abrandamento do fenômeno. Entretanto, não nos parece possível, a partir de análises e elucidações, abrandar um fenômeno de tal envergadura.

Participamos da ideia de que qualquer adequação de compreensão e sentido relacionado ao fenômeno do trágico, a partir de critérios interpretativos postos pelo e para o entendimento ofuscam a sua propriedade. A preterição da perspectiva trágica emocional em

função da perspectiva trágica racional, parece fortalecida. A cada nova ilustração ganha força a crença da capacidade humana de superar a sua condição aporética, o que, segundo as representações trágicas parecia intransponível!

A erudição trágica abstrata, em certo modo, terminou então por reforçar, cada vez mais, a ideia de apaziguamento dos conflitos reforçando a ideia da solidez humana, de superioridade e, nada mais parece causar perturbação. Nesta perspectiva, o êxtase, outrora arrebatador e inspirador da sabedoria, advém simulacro. Exemplo clamoroso e característico da pavimentação conceitual está o conhecido e polemico anúncio nietzschiano da morte de Deus, o qual reproduzimos a seguir:

(...) Dio è morto! Dio resta morto! E noi lo abbiamo ucciso! Come ci consoleremo noi, gli assassini di tutti gli assassini? Quanto di più sacro e di più possente il mondo possedeva fino a oggi si è dissanguato sotto i nostri coltelli - chi detergerà da noi questo sangue? Con quale acqua potremo lavarci? Quali riti espiatori, quali sacra rappresentazioni dovremo inventare? [...] Questo enorme evento è ancora per strada e sta facendo il suo cammino - non è ancora arrivato fino alle orecchie degli uomini. Fulmine e tuono vogliono tempo, la luce delle stelle vuole tempo, le azioni vogliono tempo, anche dopo essere state compiute, perché siano viste e ascoltate⁴. (NIETZSCHE, 2007, p. 163-164).

Mas como é possível considerar o anúncio de fácil digestão e ampla aceitação? Com a morte de Deus (revelação terrível, estrondosa), se faz necessário ponderar se está a indicar determinada situação existencial (como fundamento), extensiva geo-temporalmente⁵, ou se está assinalando determinada justificação conceitual especulativa favorável à construção de teses (entretenimento).

O anúncio permite afirmar que a pressuposição da unicidade divina (nele contida) inaugurou a constituição de um processo dilemático abrangente, que se estendeu e se estenderá no tempo. Precisamente, que a unicidade não garantiu, não garante e tampouco concede, ao

⁴ (...) Deus morreu! Deus está morto! E nós o matamos! Como nos consolaremos, nós os assassinos dos assassinos? O que o mundo possuía de mais sagrado e possante, até hoje, sangrou sob as nossas facas. Quem nos limpará deste sangue? Com qual água poderemos nos lavar? Quais ritos expiatórios, quais representações sagradas teremos que inventar? (...) Este evento enorme ainda está em marcha e fazendo o seu caminho - não chegou ainda aos ouvidos dos homens. Raio e trovão necessitam de tempo, as luzes das estrelas necessitam de tempo, as ações necessitam de tempo, mesmo quando foram efetuadas, para serem vistas e entendidas. (tradução livre).

⁵ A cunhagem da expressão possui a pretensão de indicar a restrição do recebimento, da compreensão e da extensão territorial do anúncio.

existente sob a sua guarda albergado, a excelência interpretativa acerca do embaraço humano relativo à sua condição.

Com isso, entendemos dizer que um anúncio tão importante como a morte de Deus somente apresenta sentido, em um horizonte que compartilha dos pressupostos da ilustração. Fora dele, anunciar a morte de Deus ou de deuses, é “pregar no deserto”. Talvez seja isto que sugere Karl Löwith (1999) em seu livro *Il nichilismo europeo*, quando escreve a sua *Postfazione per il lettore giapponese*. Nele, grosso modo, serão apresentados os argumentos que confrontam a validade e universalidade dos fundamentos ocidentais em relação aos demais. Precisamente da dificuldade de se estabelecer compreensão e diálogo a partir de fundamentos e princípios diversos.

Hodiernamente, a técnica e sua complexidade parecem constituir o “novo” modo de caracterização daquilo que seja propriamente o humano. O relacionamento com o entorno circundante, a partir da exacerbação cada vez maior de nossa capacidade cognitiva, precisamente, enquanto produto melhor acabado de um processo iniciado (segundo Nietzsche, com o Socratismo) e a conjunção das informações decorrentes combinadas (a tarefa ingrata de arquivar e estruturar as múltiplas facetas de um conhecimento operacional), permite identificar sobreposições interpretativas diversificadas acerca do universo e dos mundos.

Exemplo significativo e recorrente *está* a sobreposição condicionada ao olhar histórico progressivo e linear. Favorecer a base do entendimento de um problema a partir da vinculação a determinado princípio epocal, a alguma data memorável, implica sugerir um aqui e agora idêntico em todo tempo e lugar. Ilustração primorosa a esse respeito (e talvez controversa) *está* a indicação da contagem dos anos na era cristã e sua subdivisão em antes e depois de Cristo. Assim sendo, como mensurar e “*crono(s)metrar*” então, a morte de Deus?

O abismo escavado parece multiplicar a incidência do nauseabundo mal estar, justamente porque atribui ao intérprete e ao sistema (oficialidade histórica humana), responsáveis por cronometrar o nascimento do filho de Deus, a faculdade de cronometrar também a sua morte. Nesse sentido, a tragicidade contida no anúncio da morte de Deus, confere ao problema um lugar de destaque: não enquanto tragicidade, mas sim como comicidade.

O conglomerado de mundos sobrepostos, particularmente da coexistência entre pré-história e antropotécnica, parece demonstrá-lo. A temporalidade linear, no sentido indicado,

assume aqui a caracterização de um sistema oficial de registro e medidas. Sustentado no conhecimento de fenômenos astronômicos e numa série de convenções específicas (por exemplo, o valor supremo instituído com a era cristã), foi possível operar uma divisão do tempo! Entretanto, ao estabelecer, como critério de historicidade linear, o cabedal de saberes, o complexo de atividades desenvolvidas, as instituições, as crenças, os valores, constata-se uma diacronia vigorosa. O conglomerado de mundos (de crenças e visões), que habita, simultaneamente, o mesmo átimo temporal, impossibilita a apreensão generalizada da metáfora nietzschiana, enquanto paradigma existencial destituído da referência fundamental.

A condição existencial, independente da metáfora ou do anacronismo mundano-temporal, independente do grau de consciência e dos registros recolhidos ou retidos na memória, parece indicar que a aporia humana foi intensificada e se agrava, cada vez mais, em todo tempo e lugar. Agravamento que ocorre independente da ingerência divina única ou plural e, principalmente, independente da divindade estar viva ou morta.

O significado do anúncio nietzschiano a respeito da morte de Deus parece implicar a compreensão grosseira de que mortos estariam os valores. A partir da percepção anunciada se pode ponderar que a presença de Deus não se faz mais necessária e não deve ser levada em consideração, enquanto referência ou estímulo do procedimento humano. Deus (segundo os parâmetros da *ilustração*) apresenta utilidade somente como antiga referência e, atualmente, se encontra destituído de potência. A morte de Deus implica agora outra necessidade, a saber, a de substituição de um movente por outro.

Ora, segundo os critérios argumentativos o novo propósito *está humano, demasiado humano* e nada mais. *Está* o reforço da ideia de progressão linear. As questões que levantamos são: a substituição de um argumento por outro seria suficiente para eximir o homem da responsabilidade das ações praticadas sob o estandarte do antigo referencial? A predileção argumentativa da indulgência o redimiria?

Conicionados ao trágico e sua banalização, talvez devêssemos especular a respeito da intensidade do extravasamento promovido pelos defensores da unicidade exercido sobre hordas “insignificantes”, degradadas e aviltadas, ainda sob o domínio do Deus vivo. Se, com o(s) deus(es) vivo(s) existindo, o viver permaneceu hóspede do pavor e do medo, o que esperar então se a qualidade legitimada dessa condição passar à competência dos intérpretes da sua

morte? *Estarão* eles os curadores da adversidade? *Estarão* eles os melhoradores da humanidade?

Em uma atmosfera politeísta, subjugada pela cruz e espada, que somente em terras brasileiras teria dizimado uma população de cinco milhões de *tupi-guarani* (região do litoral), *tapuia* (região do planalto central), *aruaque* (região norte), o martelar incisivo do Deus vivo, único e existente, móvel impulsionador do genocídio na América redonda a ralos 500 anos e, em pleno processo de assimilação, já se quer permitir mudança de paradigma, anunciando a sua morte.

(...)Tutta questa gente di ogni genere fu creata da Dio senza malvagità e senza doppiezze, obbedientissima ai suoi signori naturali e ai cristiani, ai quali prestano servizio; la gente più umile, più paziente, più pacifica e quieta che ci sia al mondo, **senza alterchi né tumulti, senza risse, lamentazioni, rancori, odi, progetti di vendetta**. Tra queste pecore mansuete entrarono improvvisamente i cristiani e le affrontarono come lupi, tigri o leone crudelissimi da molti giorni affamati. E altro non han fatto, da quarant'anni fino ad oggi, ed oggi ancora fanno, se non disprezzarle, ucciderle, angustiarle, affiggerle, tormentarle e distruggerle con forme di crudeltà strane, nuove, varie, mai vista prima d'ora, né lette, né udite, alcune delle quali saranno in seguito descritte, ma ben poche in confronto alla loro quantità. Da un conto molto esatto e veritiero risulta che negli scorsi quaranta anni **per queste tirannie e opere infernali dei cristiani sono morti ingiustamente più di dodici milioni di anime, uomini, donne e bambini: e in verità credo di non ingannarmi supponendo che siano più di quindici milioni** (...)⁶. (LAS CASAS, 1971, p. 73-77, grifo meu).

Aos *dizimados* (aqui considerados tanto os exterminados e aniquilados em massa, quanto os moribundos remanescentes, nato devedores e condenados a permanecer pagadores do *dízimo*), rebentos apátridas, associou-se a escravidão africana, também com o seu *politeísmo*, bem como, as diferentes levas de imigração, pré e pós-genocídio, provenientes dos cárceres, dos manicômios e das casas de tolerância de todo mísero canto do planeta.

⁶ (...) Todas essas pessoas de todos os gêneros foram criadas por Deus, sem malícia e sem duplicidade, obedientes aos seus senhores naturais e aos cristãos, aos quais prestam serviço; as pessoas mais humildes, mais pacientes, mais tranquilas e pacíficas que há no mundo, sem brigas ou tumultos, sem rixas, lamentações, rancores, ódios, projetos de vingança. Entre estas ovelhas mansas entraram, repentinamente, os cristãos e os afrontaram como lobos, tigres ou leões cruéis, famintos há muitos dias. E outra coisa não fizeram em quarenta anos e, ainda hoje fazem, se não desprezá-los, matá-los, angustia-los, afligi-los, atormentá-los e destruí-los com formas de crueldade estranhas, novas, variadas, nunca vista antes, nunca lidas, ou ouvidas, algumas das quais serão em seguida descritas, mas muito resumidas em relação à sua quantidade. A partir de uma conta muito exata e verdadeira resulta que nos últimos 40 anos por estes atos de tirania e obras infernais dos cristãos morreram injustamente mais de doze milhões de almas, homens, mulheres e crianças: na verdade acredito não me enganar e suponho que foram mais de quinze milhões (...). (tradução livre, grifo meu).

Com tais indicações, será que está possível considerar, neste solo experimental, o problema do valor supremo (do Deus único), totalmente enraizado, ruminado, vivenciado e solidificado, a ponto de decidir e permitir tranquilidade acerca de nascimento e morte? E como deveriam ser interpretados e classificados os campos e frutos resultantes dos experimentos de fé apregoados? Aos *pré-núncios*⁷ de nascimento e morte, aos assassinos conscientes, figurinistas epocais, propaladores de doutrinas *epimetéicas* resta (*re*)visitar a própria condição. Se com indumentária prevalente se disseminou a percepção e constatação de um problema insolúvel, a saber, o de estabelecer e generalizar determinada interpretação unívoca, o que se pode esperar então da diversidade hermenêutica técnico-científica? Fica-se com a impressão de que a tal ocorrência se deu, em função de, em algum tempo e lugar, se haver pensado e intuído, acerca da condição humana, alguma solução possível (pensamento europeu enquanto finalidade / escatologia). Parece perdurar e preponderar à visão de existência enquanto equação a ser resolvida.

A barafunda sintomática insinua que condições adversas, no Brasil, estão hábito, ordem do dia, portanto, trágicas. Uma vez originados do aviltamento ao nativo, do estupro religioso, da indecisão forçada dos degredados de todo o planeta associado à resistência dos escravizados, não se permitiu, nem se permite pensar a partir do paradigma indigesto da resolução de problemas.

Somente no Brasil, no dizer de Clément Rosset (1989, p. 7) se respira a atmosfera “de uma excepcional animação e alegria de viver, junto a um sentido agudo do desastre e da catástrofe iminente”. Atmosfera capaz de irradiar a força perspectivística residente na (*im*) postura do malemolente, daquele que tem ritmo gingado, que denota qualidades diversas, subterfúgios. Daquele que, em posição difícil, participa do jogo com habilidade circunstancial, ciente de que na existência, não havendo espaço para a solução, tudo já se encontra resolvido. Se, com a existência de deus(es), foi tudo contra o acaso, com a sua ausência, quem a(ssa)ssinará a permissão? Não se deve pressupor a justificação de tudo, discursivamente.

Em uma época batizada (distinção peculiar da interpretação vigente) *post-moderna*, vinculada à curiosidade fervilhante, que pretere a apreciação em função da velocidade (*internet*), caracterizada, nas palavras de Nietzsche (2002, p. 49), pela “falência de uma avaliação das

⁷ Jogo de palavras que aludem as funções plenipotenciárias tais como transmitir a vontade de outrem repetindo-a.

coisas, que dá a impressão de que nenhuma avaliação seja possível” portanto, *niilista*, o trágico perde força.

Perdendo força, ganha em nostalgia. São ecos do passado que ressurgem como mensagens cifradas na comunicação de massa. O trágico, enredado pelo cânhamo absorvente do conjunto de dogmas e insuflado midiaticamente, encena mutações valorativas. O espetáculo trágico consegue prender a atenção, mas distancia-se, ironicamente, da concepção de trágico enquanto saber.

Partícipe da valoração penitente restará ao fenômeno do trágico associar-se e identificar-se com acontecimentos contingentes que acirram e potencializam a crueza do sofrimento. Ao trágico classificado e domesticado não compete mais *estar* chave interpretativa circunstancial acerca do caráter ou existência de um fenômeno, precisamente do fenômeno humano, mas simplesmente desempenhar o papel de justificação e consolo do mesmo. Esta edificação sucessiva e ininterrupta favoreceu a consolidação do imaginário a respeito do trágico enquanto ação intermitente do abutre famélico, que penetra a vigília cotidiana perpetrando e perpetuando o detestável.

A domesticação do saber trágico parece *estar* então necessária. Será ela a responsável por levar à cena o nocivo, ao interpretar um personagem desagradável promotor de danos. Aqui, somente a título de ilustração, elencar-se-á um conjunto de situações subjugadas, que reforçam a banalização do trágico ao priorizar o episódico.

Do trágico sugerido enquanto *(ir)reparável*

Considerando o significado implacável do termo, irreparável *estaria* a condição daquilo que não se furta a acontecer, mas que de modo algum se pode remediar. Em sintonia com os argumentos edificados no percurso da justificação, promoveu-se determinada distorção através da urbanidade lenitiva, pavimentando um sentido inverso sobreposto, tomando o irreparável suscetível ao riso amargo.

Ilustração cruel dessa ironia cáustica pode ser considerada, principalmente, o crescente número de ações reparatórias. O termo utilizado permite evidenciar a noção de trágico que perpassa subentendida à concepção de tragicidade como um todo. Ao requerer *reparação* de

acontecimento inesperado promotor de desgosto, aflição e sofrimento, se acredita possível repor a potência exaurida por condição de estremecimento.

No reparar, está implícita a noção de conserto, de aperfeiçoamento e melhoria, de materialidade substitutiva, capaz de restabelecer e compensar pelo transtorno causado, atenuando-o. A *reparação*, simulacro pusilânime do acidente tomado trágico legal, instiga e fomenta a falsa ideia (crença) de que também o trágico existencial permite consolo.

Como soaria absurda a possível (re) apresentação de Édipo ao povo tebano reivindicando reparação a partir da sentença enunciada:

(...) proíbo aos habitantes desta terra, cujo trono ocupo e onde exerço o mando, que recebam esse homem, seja quem for, ou lhe dirijam a palavra, ou lhe permitam partilhar as orações e os sacrifícios aos bons deuses e a água sacrossanta; que, ao contrário, todos o afastem de seus lares, pois ele é a maldição para todos, como acaba de afirmar o oráculo de Apolo! Quero servir assim ao deus e à vítima. Ao matador desconhecido, seja ele um só ou sejam vários, que viva miseravelmente na desgraça, o miserável! **Invoco ainda para mim os mesmos males que as minhas maldições atraem para o criminoso se o acolho, sem saber, em minha casa! Exorto-os a proceder assim, por mim e pelo deus, por esta terra que perece a nossa vista, reduzida pelos deuses à esterilidade.** (...) Quanto aos desobedientes, peço aos deuses que neguem frutos a suas terras e filhos a suas mulheres! Pereçam eles sob o peso da desgraça que hoje nos aflige ou de outra ainda mais terrível! (SÓFOCLES, 1967, p. 24-25, grifo meu).

No trágico domesticado, Édipo apresentaria ao tribunal tebano uma ação reparatória, com a intenção clara e distinta de justificar ou desdizer aquilo que uma vez fora anunciado! Como, geralmente, o tempo transcorrido entre a apresentação da ação e o julgamento demonstra-se longo (em função dos recursos, dos apelos) tudo indica que Édipo continuaria esposando a própria mãe, educando os filhos irmãos e contemplando, cada vez mais com seus olhos cintilantes e agnósticos, o horizonte furtivo da argumentação, pois teria tempo de elaborar razões que levariam os crédulos tebanos a levantar suspeita acerca da sentença do oráculo de Delfos.

No trágico banalizado, envolto em sofismas linguísticos (discursivos), alvoroçam-se os aduladores do desastre (os bacharéis do direito), guiados pelo odor fétido da oportunidade! O trágico, que já esteve à embriaguês desenfreada (Eurípides - *As bacantes*), que já representou um profundo gesto de amor (Eurípides - *Alceste*), parece *estar* agora somente uma indenização.

Do trágico sugerido enquanto morte

A analogia estabelecida entre o trágico e a morte parece ter ofuscado, em certo sentido, a importância do gesto. De qual gesto? Do saber levado à cena a partir da configuração da catástrofe, a partir da manifestação da ruína que alavanca a aprendizagem. A analogia parece ter favorecido e solidificado vulgarmente a concepção de trágico enquanto sinônimo de morte. Entretanto, o surpreendente, remanescente dessa analogia, não está em considerar o fenômeno morte, extensivo a todos os entes vivos, mas somente em considerá-lo, enquanto modo de ser intrínseco de determinado existente particular, precisamente, do (*ente*) humano. Morte significativa, que amedronta e faz pensar, é morte humana.

Nesta perspectiva, a morte assume relevância prioritária, justamente em função do atributo do morrer convencionado, não *estar* concessão universal. Consente-se o morrer e recebe designação condizente ao evento somente ao tipo⁸ que estabelece relação de proximidade com o fenômeno morte, particularmente, ao tipo que compreende a finitude e a projeta enquanto condição própria.

Ao possuidor de caracteres distintos (primazia humana) *está* permitido dizer que morre! A concessão e direito ganham força, em função da capacidade manifesta do privilegiado, de estabelecer relação de cumplicidade e reciprocidade, de entabular diálogos a respeito da inexorabilidade determinada enquanto horizonte. A morte, portanto, *está* possível, somente àquele que compreende (no sentido de determinar valor) o morrer.

A tendente predileção dos poetas trágicos de reforçar a fragilidade humana com mortes apoteóticas pode ter contribuído para a identificação do trágico como sinônimo de morte. Entretanto, parece que *esteve* somente um recurso. Um meio disponibilizado, a fim de precisar a condição de ruína que nos acompanha. Um instrumento propício e facilitador na indicação de nossa condição.

⁸ Enquanto ilustração restrita do argumento tratado alude-se: Ariès, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1977. Vernant, Jean-Pierre. *La morte eroica nell'antica Grécia*. Genova: il melangolo, 2007. Kierkegaard, Søren. *Il concetto dell'angoscia*. A cura di Cornelio Fabro. Milano: SE, 2007. Camus, Albert. *Il mito di Sisifo*. Milano: Tascabili-Bompiani, 2005. Camus, Albert. *Riflessioni sulla pena di morte*. Milano: SE, 2006. Jankélévitch, Vladimir. *Pensare la morte?* Introduzione di Enrica Lisciani-Petrini. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1995. García Márquez, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. Heidegger, Martin. *Essere e Tempo*. Traduzione di Pietro Chiodi. Milano: Longanesi, 1970. *Apocalisse di Giovanni*. Illustrata da Albrecht Dürer. Traduzione e postfazione di Massimo Bontempelli. Milano: SE, 2004.

O passo consecutivo em direção à persistente banalização do trágico foi a intensificação e exploração maciça da apoteose trágica. A ação empreendida tende a reforçar a analogia remanescente, a fim de solidificá-la como dogma. Excetuando-se alguns raros gestos ocupacionais (sociedade protetora dos animais, amigos do verde etc), dificilmente se encontra comoção humana em função do abatimento cotidiano de milhares de entes vivos(?) responsáveis pelo sustento da sofisticada arte culinária. Se considerada a diversidade geográfica, nem os insetos escapam! Ilustração condizente é a manifestação, salvo raras, hipócritas e “politicamente corretas” exceções, da litania de rebanho a respeito da devastação paulatina das florestas e mares.

A vereda tradicionalmente escolhida e perseguida evocou o direito de manuseio sobre determinado ente e não parece preocupada com o ocaso de espécies e culturas. Mas, o declínio daquilo que tradicionalmente tornou-se objeto, daquilo que supostamente *in*-compreende ser não encaminha para o declínio àquele que fatalmente acredita compreender ser? Com o trágico midiático, inclusive a finitude se banalizou!

Do trágico sugerido enquanto acaso

Já em um trágico concebido enquanto imprevisibilidade ou imponderabilidade, tanto de ordem natural quanto artificial, predomina a tendência cognitiva de indicar a motivação, particularmente, o que faz com que algo exista ou aconteça, com as expressões imprecisas de evento fortuito ou de força maior.

A locução, rigorosamente convencionada, pois *está* capaz de abranger tudo e nada simultaneamente, parece apropriada às exigências hodiernas da justificação. Ela comporta a responsabilidade de apontar, enquanto fenômeno de correspondência, os prejuízos e danos ocasionados, primeiro, através da manifestação de eventos considerados naturais, tais como, raios, enchentes, terremotos, maremotos, tufões, avalanches, deslizamentos, seca, etc! Segundo, através da manifestação de eventos artificiais, como qualquer acontecimento desagradável ou infeliz, que envolva lesão, sofrimento ou morte. Todos, sem exceção, motivos externos.

Trata-se, a nosso ver, de significar, registrar e arquivar acontecimentos que apresentam a característica do comparecimento sem a emissão de aviso prévio e cujo efeito devastador para

o humano, compõe a sua particularidade determinante (fazer-se ameaça). Mas como foi possível relacioná-los ao trágico? A identificação trágica, atribuída aos fenômenos imprevisíveis, parece residir na indistinção originária do ato.

Presume-se a existência de um movente originário ao diluir o princípio dos acontecimentos, em uma ideia genérica, tanto de natureza quanto da artimanha linguística encerrada na expressão: “errar é humano”! Questionar ou conjecturar a respeito da determinação ou indeterminação do imponderável, de acordo com a estrutura de compreensão grosseira dos solucionadores de enigmas, não parece possível, “por enquanto”. Trata-se então de esperançosos otimistas e não de trágicos.

A justificação apresentada alude determinada temporalidade, capaz de abarcar passado, presente e futuro na magia do instante. Justificar, que não é possível “ainda” conjecturar a respeito da determinação ou indeterminação significa promover o argumento da limitação circunstancial de nossas faculdades, indicando, enquanto campo e tempo da resolução, sempre um futuro próximo.

Em sintonia com a imprecisão temporal do “por enquanto”, a edificação argumentativa favorece a inclusão dissimulada de finalidade, a saber, de objetivo a ser alcançado. Entretanto, tal limitação explícita (assumida na sua totalidade pelos defensores da estrutura causa-efeito), não se mostra impeditiva na atribuição e consolidação semântica de tais eventos. O trágico, enquanto analogia ou hóspede semântico das expressões “por enquanto” ou “força maior”, poderá restar, momentaneamente, prisioneiro do discurso, mas o construto, por si só, não concede garantias de adequação entre a linguagem, o pensamento e a conduta. Para tanto, bastaria patrocinar o esquecimento da relação entre os signos e seus significantes, evocados a partir da evolução do sentido dos mesmos.

Do trágico midiático

São momentos de vazio extremo e de tensão, advindos com a imprecisão semântica, mas não da imprecisão existencial, que possibilitam estender a visão sobre a devastação em curso. A reprodução e propagação diária de mensagens apocalípticas, de desgraça contínua, de acontecimentos nefastos, de contradições absurdas, enrijecem o muro da esperança e redenção.

Com a solidificação da analogia entre trágico e calamidade, na perspectiva social coletiva assiste-se a sucessão desenfreada de atos que violam as convenções e instigam procedimentos ofensivos à responsabilidade. O trágico banalizado e domesticado acabou inserido no emaranhado de falcatruas emotivas sobrepostas, distanciando-se de qualquer saber.

Cada vez mais adestram os meios de comunicação, se torna confortante e prazeroso observar virtualmente a presentificação da ruína humana, principalmente se for a ruína alheia. São eventos propagados, cotidianamente nos telejornais que causam a impressão de realização e habitação em outro mundo ou tempo qualquer. São condições que parecem não nos dizer respeito.

São mensagens que difundem a existência do desastre, mas que insistem em priorizar tanto a exterioridade, quanto à moralidade do mesmo. O muro midiático constrói, enquanto compreensão de trágico, o acidental e o comportamental. Acidental ao não atribuir importância ao estado de aflição e angústia próprios do humano. Tal estado é visto como acessório, como suplementar. Comportamental ao insinuar que a existência de um estado de aflição e angústia apresenta relação direta com estímulos provenientes de princípios não observados.

Neste sentido, o trágico dos propaladores parece *estar* então o que cheira mal, o deteriorado. O trágico midiático parece reproduzir a mensagem da putrefação e falência do costume. A degradação do gregário, exaustivamente replicada, faculta a função de encobrir o caráter abissal do humano. A partir da propagação, transfere-se para a tradição a possibilidade de alcançar ou distanciar a ruína que ronda e corrói o tipo em particular.

Mas a falência do geral não insinuaria, veladamente, a ruína do particular? Ao equiparar e difundir o infortúnio e a calamidade coletiva, como distanciados da adversidade e desdita particulares, enfim, enquanto trágico domesticado reforça-se o mimetismo religioso, que perniciosamente enclausurou o saber trágico em tábuas valorativas! Intensificou-se, assim, a noção do trágico vinculado ao vício, ao defeito, à fraqueza e se promoveu certa inversão generalizada.

A identificação do trágico com o vício, com a deterioração do costume e da moralidade do gregário, com o rebaixamento e cansaço, com ausência ou privação do valor fundamental faculta a identificação promovida através da banalização. A tragédia, enquanto representação clássica, diverge dessa concepção, como indicam as palavras de Aristóteles (1966, p. 70) : [...] a

mesma diferença separa a tragédia da comédia: procura, esta, imitar os homens piores, e aquela, melhores do que ordinariamente são.[...]

A banalidade do trágico, construída metódica e gradualmente, seria então responsável pela substituição da tragédia em comédia. O que outrora esteve argumento da representação satírica, enquanto processo investigativo acerca da existência humana em todos os seus aspectos (físico, psicológico, social, moral, etc.), atualmente é interpretado às avessas. Mas interpretar não significa atribuir valor? Mas qual valor?

A analogia trágica midiática parece *estar* responsável pela comunicação e intensificação, da vilania, da falta de dignidade, da degeneração e do accidental. Desse modo, procura não disponibilizar elementos de apreciação necessários, para julgar determinados eventos, cujas variações são acompanhadas de alterações correspondentes na série de acontecimentos estudados e de que depende em particular o esclarecimento da disposição.

Tudo indica que a construção do sentido trágico acadêmico, midiático *está* tanto moral quanto ocasional. Embora, na consideração aristotélica, a tragédia devesse representar ações elevadas, no trágico da publicidade generalizada, o sentido assumido potencializa o caráter da adversidade. O saber trágico, enquanto constituição fundamental da representação trágica antiga, na era da comunicação abundante, sofre de rebaixamento.

A promoção midiática retumbante do esquecimento insinua, que a partir do arquivamento dos estudos e pesquisas, não é mais possível sustentar um aprendizado desenvolvido, introspectivo, consoante à arte de auscultar os sussurros do imperscrutável.

Em função do horror constituinte do saber trágico (da mensagem a respeito da fragilidade inerente do tipo humano, da mensagem acerca da aporia que nos acompanha) e por não interessar o convívio e promoção de um saber semelhante, estimulou-se o distanciamento ocupacional. Do muro midiático advém, novamente, o entretenimento. Do muro midiático advém o lenitivo.

Porém, o fato de encorajar e despertar interesse pelo abandono de si, não significa dizer que a proximidade do terrível foi erradicada e superada. A arte do esquecimento, impulsionada através da distração generalizada parece estar muito mais importante e jubilosa do que a arte da introspecção espantosa.

Ao escolher a senda do lenitivo ocupacional, intenta-se olvidar a força constituinte da mensagem trágica. Por quê? Justamente, porque o trágico, uma vez individuado e acolhido, *estar* capaz de proporcionar situações diversas daquelas residentes na mutação semântica temporal. Através da atitude mutante, foi possível determinar, designar e depositar, valor ao inconveniente, domesticando-o! O saber trágico, no percurso da justificação, tornou-se culpa! Distanciar-se do trágico (a partir do recurso do entretenimento aparentando naturalidade), intercalando significados epocais distintos, significa o mesmo que continuar vagando a esmo, com subterfúgios, inventando respostas, a fim de degustar, sem consistência ou fundamento, as dádivas de uma (*im*)possibilidade que nunca se concretiza.

Identificar o trágico ao vício, como ausência ou privação de algo, permite proliferar o encanto de Pandora. O trágico moralizado reforça o sentido da esperança. O trágico moralizado reforça o sentido da expiação, de sofrimento compensatório, de culpa.

Tal sentido recebe um cuidado especial, da parte de Nietzsche. Recorrendo ao exposto por Hesíodo em *Os trabalhos e os dias*, ele reposiciona o significado da esperança em um mundo totalmente alheio ao bem estar e à felicidade humanos.

A esperança – Pandora trouxe o vaso que continha os males e o abriu. Era o presente dos deuses aos homens, exteriormente um presente belo e sedutor, denominda “vaso da felicidade”. E todos os males, seres vivos alados, escaparam voando: desde então vagueiam e prejudicam os homens dia e noite. Um único mal ainda não saíra do recipiente; então, seguindo a vontade de Zeus, Pandora repôs a tampa, e ele permaneceu dentro. **O homem tem agora para sempre o vaso da felicidade, e pensa maravilhas do tesouro que nele possui; este se acha à sua disposição: ele o abre quando quer; pois não sabe que Pandora lhe trouxe o recipiente dos males, e para ele o mal que restou é o maior dos bens – é a esperança.** – Zeus quis que os homens, por mais torturados que fossem pelos outros males, não rejeitassem a vida, mas continuassem a se deixar torturar. **Para isso lhes deu a esperança: ela é na verdade o pior dos males, pois prolonga o suplício dos homens.** (NIETZSCHE, 2005, p. 60, grifo meu).

Deste modo, o que a mensagem trágica parece indicar está diverso do que a mensagem midiática quer insinuar, precisamente: a intensidade trágica reside no fato de não sucumbir ao sentimento de esperança. Trágico é transitar no mundo, como mundo, sem a necessidade de

lenitivos. Trágico é estar ciente que somente o entretenimento faculta tal condição. Trágico, neste sentido, é o vagar tateante confinado às cercanias do abissal e impossível. Enfim, trágico é viver apartado do sentimento de esperança.

Trágico e condição humana

Enquanto condição (situação, estado ou circunstância), interessa destacar qual seria este saber próprio que o trágico alude e inspira. A mensagem trágica, segundo nossa perspectiva, portadora de saber, parece incidir sobre o conjunto de tendências ou disposições inerentes que regem o comportamento humano.

De alguma forma, a mensagem trágica parece falar do tipo, do caráter, da especificidade inata de determinada espécie de se angustiar. A mensagem trágica parece insistir na propensão que leva a agir de determinada forma e não do seu contrário. A mensagem trágica procura manifestar, com extrema intensidade, a curiosidade peculiar do humano pelo inevitável, constituído, simultaneamente, como insolúvel.

O saber trágico parece privilegiar a apoteose do fracasso, proporcionando a condição humana a *estar* vitoriosa na derrota. Dessa forma, *está* possível compreender o significado de afrontamento elevado. O trágico comparece superior às forças falíveis da natureza humana. Porém, a grandeza humana reside na perspicácia, que ciente da queda iminente, empenha-se na tarefa de superação do sentimento de aversão profunda provocado pelas experiências vividas.

A elevação do tipo humano está em consolidar e assumir a própria condição de falimento, impossibilitando, assim, a convivência com o ódio profundo, não expresso, gerador de antipatia, repugnância e desagrado. A elevação humana está em conduzir a termo, inclusive contra si, aquilo que fora imposto por e a partir de si. O que imprime caráter de força ao trágico é o fato do terrível comparecer, justamente, a partir de nossas ações. Portanto, não é o falimento que é trágico, mas o fato da possibilidade de salvação tornar-se falimento. Não é na falência que tal evento se revela ao homem, mas no caminho escolhido, justamente, para evitar esta falência.

Propositadamente, ao evidenciar percursos e discursos a respeito do trágico, não se procurou nem se desejou realizar análises meticulosas dos mesmos. O que importou evidenciar, sintonizado com o argumento que buscamos desenvolver foi que, independente da força e

contribuição dos diversos estudos das áreas de conhecimento, todo discurso a respeito do trágico fortalece a opulência do olhar da Górgona.

O trágico (*com*)portaria a morte nos olhos! A respeito do trágico, como diz Donaldo Schüller, *os discursos nunca são o discurso* (SHÜLER, 2000, p. 29). A trama discursiva persegue, em tentativas frustradas, um modo exitoso de enclausurar o que sempre revelou hostilidade ao confinamento. Se, por acaso, nos fosse concedido a possibilidade de flagrar e explicar o coração do indizível, então, proferiríamos a última palavra, sentenciando assim todo o falar. O saber trágico, decididamente, está muito além da construção discursiva.

O trágico, nesse sentido, é extremamente diverso da imagem de desolação e compaixão moral replicada segundo Vattimo (2000) pelos meios de comunicação⁹. Aquilo que encanta nos olhos da Górgona é a petrificação da curiosidade, ato proibitivo, limitador do que não deve nem pode ser visto (o não poder ver, fixar ou sustentar com os olhos); o que deslumbra no trágico é justamente esta presentificação do ausente!

No trágico o que fascina é a imensidão do vazio, particularmente a cercania da nulidade! Como a curiosidade sempre pode mais que o temor, o trágico faz ver, mas não é visto. Dizer não visto, não significa o mesmo que dizer não comparecido. O trágico comparece, porém sempre individualmente. Não se pode assumir, enquanto existência, o sentimento trágico da vida do outro! Neste sentido, como seria possível, então, conceber o trágico universalmente?

Por concepção, indicar-se-á a capacidade de formular, imaginar e projetar. O trágico não deverá ser visto enquanto especulativa ou fantástica criação humana, mas deverá estar associado à condição humana por excelência, como apreensão de determinada situação na qual sempre se está.

Sob a ótica da criação e da produção, forjou-se a tragédia. Como paradigma literário (poética), a tragédia configurou a (re)representação e presentificou as ações humanas. A tragédia, enquanto comunicação e manifestação de um saber, por meio da palavra e do gesto (da representação), *esteve e está* capaz de manifestar, com habilidade, a situação na qual sempre estamos.

A tragédia comunicou, segundo Cioran, o acontecimento circunstancial primordial, a saber: o inconveniente de nascer. Nas peças trágicas, comparece e pronuncia-se este saber,

⁹ Cf. VATTIMO, Gianni. *La società trasparente*. 3ª Edição. Milano, Garzanti, 2000. 189 p.

que não combina, simplesmente, com a representação espetacular purgativa, tampouco com a representação discursiva.

Neste sentido, enquanto compreensão de determinada condição, enquanto percepção de um estar exposto ao ameaçador, enquanto alento para a condição humana e do nosso lugar no mundo, o trágico não pode ser concebido.

Somente podem ser concebidos os discursos simbólicos confeccionados para aludir e tornar presente esta compreensão, esta percepção e esta condição. Entretanto, discursos *estão* somente interpretações regionais e dialetais e, segundo Jaspers (2000, p. 74) , *ciascuna delle interpretazioni del tragico è insufficiente*¹⁰.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

CIORAN, Emil. *L'inconveniente di essere nati*. Milano: Adelphi Edizioni, 2003.

JASPERS, Karl. *Del Tragico*. Traduzione di Italo Alighiero Chiusano. Milano: Tascabili Saggi, 2000.

LAS CASAS, Bartolomè. *La scoperta dei selvaggi. brevissima relazione sulla distruzione delle Indie (1552)*. Milano: 1971.

LÖWITH, Karl. *Il nichilismo europeo*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1999.

NIETZSCHE, Frederich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE *Fragmentos finais*. Brasília: Editora UNB, 2002.

NIETZSCHE . *La gaia scienza e idilli di messina*. III, § 125. Milano: Adelphi Edizioni, 2007.

¹⁰ JASPERS, Karl. *Del Tragico*. Traduzione di Italo Alighiero Chiusano. Milano, Tascabili Saggi, 2000. "Cada uma das interpretações do trágico é insuficiente" (tradução minha).

ROSSET, Clément. *Lógica do pior*. Rio de Janeiro, Ed. Espaço e Tempo, 1989.

SCHÜLER, Donaldo. *Heráclito e seu discurso*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2000.

SOFOCLES. *Édipo rei*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TROISI, Massimo. *Il Postino*. Em português, *O carteiro e o poeta*. Um filme de Massimo Troisi, Michael Radford. Com Philippe Noiret, Renato Scarpa, Maria Grazia Cucinotta, Massimo Troisi. 1994.

VATTIMO, Gianni. *La società trasparente*. 3ª Edição. Milano: Garzanti, 2000.